

# Três versões de um mesmo Púchkin

LINO MACHADO

LINO MACHADO é mestre em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da UFRJ, onde defendeu a dissertação *Teatro e Ficção em Mário de Sá-Carneiro*. Teve textos críticos publicados na revista portuguesa *Colóquio/Letras* e, atualmente, participa do conselho editorial da revista *34 Letras*.

*Ningún problema tan consustancial con las letras y con su modesto misterio como el que propone una traducción.*

(Borges, *Discusión*)

O número 57 da revista portuguesa *Colóquio/Letras* traz um interessante artigo de Boris Schnaiderman, dedicado à discussão de um poema de A. S. Púchkin<sup>(1)</sup>. Nele, o crítico apresenta o poema em alfabeto cirílico e uma transliteração do mesmo para a nossa grafia, acompanhados por uma versão literal em prosa e mais duas traduções em verso (uma da sua autoria e outra feita por Haroldo de Campos) do texto de Púchkin.

A transliteração do poema e a versão literal em prosa são as seguintes:

*A v nienástnie dni  
Sobirális oni  
Tchasto;  
Gnúli – Bog ikh prosti! –  
Ot piatidiessiat  
Ná sto,  
I vígrivali,  
I otfssivali  
Miélom.  
Tak, v nienástnie dni,  
Zanimális oni  
Diélom.*

“Mas, nos dias de mau tempo, eles se reuniam com freqüência; dobravam – que Deus os perdoe! – de cinquenta a cem, e ganhavam, e marcavam as apostas a giz. Assim, em dias de mau tempo, eles se ocupavam de coisa séria.”

Mesmo o leitor que nada saiba de russo poderá, se quiser comparar o poema com a tradução dele em prosa, perceber a grande economia lingüística do original, bem como a sua ágil distribuição de rimas, a dosagem entre os versos mais longos e os mais curtos, a repetição intencional de certas palavras, etc.

Do poema em causa também tez Boris Schnaiderman uma tradução em versos, que agora cito:

“Nos dias de borrasca,  
Juntavam-se na tasca  
Com freqüência;  
Dobravam – oh, Deus lhes perdoe bem! –  
Com tamanha eficiência,  
De cinquenta a cem,

<sup>1</sup> “Hybris da tradução, *hybris* da análise”, in *Colóquio/Letras* nº 57, Lisboa, setembro de 1980, pp. 5-12.



**A v nienástnie dni**

**Sobirális oni**

**Tchasto;**

**Gnúli – Bog ikh prosti! –**

**Ot piatidiessiati**

**Ná sto,**

**I vígrivali,**

**I otpíssivali**

**Mielom.**

**Tak, v nienástnie dni,**

**Zanimális oni**

**Diélom.**

**A.C. ПУШКИН**



E, ganhas as partidas,  
Anotavam batidas  
A giz.  
Assim, em dias de borrasca,  
Todos reunidos numa tasca,  
A grave ocupação lhes  
[vergava a cerviz.”

O próprio tradutor se confessa insatisfeito com a versão que fez, sobretudo por causa do último verso, um alexandrino grandiloquente que dilui a ironia e a leveza do original<sup>(2)</sup>. Mas ele consegue manter, em parte, o esquema de rimas do mesmo, e ainda obtém uma significativa sonoridade ao fazer rimar “borrasca” e “tasca”, palavras que, embora sem equivalentes no original russo, se justificam pelas possibilidades semânticas que o texto de Púchkin oferece.

Tomando como ponto de partida a tradução e os comentários de Boris Schnaiderman, apresentou-lhe Haroldo de Campos uma nova versão do poema, a qual foi aproveitada pelo primeiro tradutor para fechar o seu artigo em *Colóquio/Letras*. Ei-la:

“Mas,  
tardes de borrasca –  
todos à tasca!

Trucavam: cem mais cem!  
Que Deus no além  
lhes perdoe (Amém!).

Apostas, riscos, bis!  
Quem ganha faz um x  
com giz.

Tardes de borrasca.  
Encargos graves  
na tasca.”

Trata-se de mais uma recriação, efetuada por Haroldo de Campos, de um texto alheio que ele procura fazer ressurgir poeticamente em nosso idioma. Há soluções admiráveis, como a da terceira estrofe, com a economia extrema de palavras que ela apresenta, numa sucessão rápida dos fatos, de grande eficácia estética. Igualmente é notável o efeito do estrato sonoro em toda a composição recriada, fácil de perceber pela observação do vocabulário utilizado. E, se a distribuição das rimas não é a do original, esse não é um aspecto a ser criticado: em tradução, como o próprio Haroldo de Campos vem há anos demonstrando, perde-se num lugar para que se possa ganhar em outro, a eficiência obtida em um trecho compensando o efeito que não

foi possível verter de alguma outra passagem.

Mas a nova recriação de Púchkin em nossa língua talvez não se apresente isenta de problemas, por admirável que seja. O uso do incomum verbo “trucar”, junto com a elipse de “cem mais cem”<sup>(3)</sup>, pode tornar o texto obscuro para muitos leitores. E não me parece que a ironia de Púchkin no final do poema fique suficientemente clara em “Encargos graves/na tasca”, que busca fazer eco à atividade “séria” a que se entregam os jogadores do poeta russo. Descontadas tais observações, contemos com mais uma interessante peça de tradução a ser acrescentada às muitas com que Haroldo de Campos vem ampliando as possibilidades literárias da língua portuguesa.

Como ele, também fui motivado pelo artigo de Boris Schnaiderman, a ponto de igualmente tentar verter o curto texto do famoso poeta do *Ievguêni Oniéguin*. O que resultou no seguinte:

“Mas, sempre que chovia,  
gastavam todo o dia  
jogando.  
Sua fé nas apostas  
(Deus não lhes dê as costas!)  
dobrando.  
E era ganhar  
e o giz marcar  
partidas.  
Pois, sempre que chovia,  
tão séria transcorria  
a vida.”

Mantive o esquema rímico do texto de origem. Esforcei-me também por preservar uma regularidade métrica que refletisse algo da que foi estabelecida por Púchkin. Minha versão, qualquer que seja a validade que tenha, resultou mesmo de um longo esforço para não fugir das imposições de rimas e métrica que aceitei. Tais limitações formais condicionaram as soluções semânticas da tradução. Daí, em parte, o afastamento num ponto e noutro do texto em português, em relação ao significado literal da composição de Púchkin. Suponho que aquilo que acrescentei por minha conta não agride o original.



Assim, a idéia de os jogadores “gastarem” os seus dias nas cartas, com o possível trocadilho que o verso proporciona (gastar o tempo, gastar dinheiro), não chega a ser uma infidelidade à cena descrita pelo poeta. Do mesmo modo a aproximação entre a “fé nas apostas” e o “Deus” que não deve ser severo com os jogadores, se inexistente nos versos em russo, não destoam da visão irônica que o escritor reservou para o ambiente que apresenta.

Acredito também que a série de *enjambements* que constituem os versos mais curtos da composição aparece razoavelmente traduzida pela seqüência de “jogando”, “dobrando”, “partidas” e “a vida”.

Como foi dito anteriormente, mesmo quem não conheça o idioma do original pode captar algo de suas qualidades através da versão em prosa de Boris Schnaiderman. Encontrando-me na mesma situação de um tal leitor, não resisti à tentação de recriar o texto em português... fazendo do seu primeiro tradutor e analista um involuntário colaborador meu. Bom seria se uma quarta pessoa, dominando ou não a língua estrangeira, fosse levada a refazer a experiência estética que o condensado texto de Aleksandr Serguéevitch Púchkin proporciona.



Nesta página, auto-retratos de Púchkin; na outra página, um retrato do poeta russo, por Kiprenski, 1827

2 Leve-se em conta que a tradução do poema foi publicada em 1962, como epígrafe do conto “A Dama de Espadas”, no volume *O Negro de Pedro, o Grande*, de A. S. Púchkin (São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962, pp. 106-30). Como se sabe, anos mais tarde, B. Schnaiderman, junto com Augusto e Haroldo de Campos, iniciou uma intensa atividade de recriação, em nosso idioma, de poesia russa moderna, já sob novos parâmetros estéticos.

3 Em nota à sua tradução, Haroldo de Campos lembra que “trucar” é o mesmo que “propor a primeira parada no jogo do ‘truque’ e também enganar com declarações mentirosas”. Já a idéia de dobrar as apostas estaria contida na elipse de “(seus) cem mais (outros) cem” (in *Colóquio/Letras* nº 57, p. 11).